



## **CASA GRANDE E SENZALA: A FACETA LITERÁRIA E A CRÍTICA SOCIAL DO JORNALISMO DE JOSUÉ GUIMARÃES**

### **CASA GRANDE E SENZALA: THE LITERARY FACE AND SOCIAL CRITIC OF JOSUÉ GUMARÃES'S JOURNALISM**

Caroline Domingos da Silva<sup>1</sup> (UPF)  
Miguel Rettenmaier da Silva<sup>2</sup> (UPF)

#### **RESUMO**

Embasado pelos estudos de crítica genética e dos processos criativos de escrita literária, este trabalho pretende compreender a faceta jornalística de Josué Guimarães a partir de uma reportagem encontrada no Acervo Literário Josué Guimarães, sob a guarda da Universidade de Passo Fundo desde 2007. Nos itens preservados na categoria "publicação ativa na imprensa", entre as décadas de 40 e 50 podemos encontrar setenta textos jornalísticos de Josué que abordam as questões trabalhistas. Esse dado demonstra que Josué Guimarães, ainda não incorporado à carreira de escritor de literatura, não apenas posicionava-se politicamente, mas antecipava características estéticas e literárias de quem seria uma dos mais importantes romancistas da literatura brasileira dos anos 70. Uma história de Casa Grande e Senzala, que foi publicada em 1944 pelo Jornal Diário de Notícias, é uma reportagem que aborda a questão da escravidão em uma estância já esquecida e abandonada em Rio Pardo, sobressai-se entre os demais textos devido ao seu caráter emblemático enquanto texto jornalístico: não obedece a estrutura padrão (lead) e foi escrita com efeito literário, priorizando as descrições de paisagens de forma que beira à poesia. Como bases teóricas desse trabalho, serão referidos os estudos de Maria da Glória Bordini (1995), Maria Luiza Remédios (2004), Regina Zilberman (1988) e Nilson Lage (1993).

**Palavras-chave:** Josué Guimarães. Crítica Genética. Jornalismo Literário.

#### **ABSTRACT**

Based on the studies of genetic criticism and creative processes of literary writing, this work intends to understand the journalistic facet of Josué Guimarães from a report found in the Josué Guimarães Literary Collection, under the custody of the University of Passo Fundo since 2007. In the preserved items in the category "active publication in the press", between the 40s and 50s we can find seventy Joshua journalistic texts that deal with labor issues. This data demonstrates that Josué Guimarães, not yet incorporated into the career of a literary writer, was not only politically positioned, but anticipated the aesthetic and literary characteristics of who would be one of the most important novelists of Brazilian literature of the 1970s. and Senzala, which was published in 1944 by Jornal Diário de Notícias, is a report that addresses the issue of slavery in an already neglected and abandoned resort in Rio Pardo, stands out among the other texts because of its emblematic character as a journalistic text: does not obey the standard structure (lead) and was written with literary effect, prioritizing

<sup>1</sup> Jornalista formada pela Universidade de Passo Fundo, estudante do terceiro nível do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo e pesquisadora voluntária no Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG), vinculada ao grupo de pesquisa Leitura e Acervo Literário. E-mail: cdomingos13@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Letras e do curso de Letras da da Universidade de Passo Fundo. Pós-doutorado na Universidad de Santiago de Compostela – Campus Santiago. Líder do grupo de pesquisa Leitura e Acervo Literário. E-mail: mrettenmaier@hotmail.com



descriptions of landscapes in a way that borders poetry. The theoretical bases of this work will be the studies of Maria da Glória Bordini (1995), Maria Luiza Remédios (2004), Regina Zilberman (1988) and Nilson Lage (1993).

**Keywords:** Josué Guimarães. Genetic Critic. Literary Journalism.

## 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho parte do interesse em tentar preencher algumas lacunas nas pesquisas sobre a obra de Josué Guimarães visto que o autor, antes de consagrar-se na literatura, trabalhou como jornalista em diferentes funções da área e, nesta etapa de sua vida, constam apenas os registros dos locais por onde passou, a censura que o regime ditatorial lhe impôs e seus pseudônimos. Pouco se tem acesso a faceta de Josué Guimarães como jornalista, apesar de ser conhecida a sua importância e o quanto a profissão provavelmente o influenciou enquanto escritor, pois um dos traços da obra de Josué é a escrita rápida, com pouca revisão e linguagem de fácil acesso. Assim, sem o recurso do acervo literário deixado por Josué, tornar-se-ia impossível conhecer seus escritos e preocupações antes que a literatura chegasse em sua vida. Dessa forma, o Acervo Literário Josué Guimarães, sob guarda da Universidade de Passo Fundo, desempenha um papel fundamental não só para os pesquisadores de crítica genética, visto que Josué foi um profissional importante para a história do jornalismo nacional.

Ressalta-se que essa é uma pesquisa em nível inicial e que, por isso, foi necessário restringir o corpus a uma reportagem assinada por Josué Guimarães, datada de 1944, e que está localizada em seu acervo. Para a realização deste trabalho, optou-se por focar na gênese do escritor e não na crítica genética de seus manuscritos, visto que este trabalho analise uma reportagem classificada como jornalismo literário, o que já aponta a vontade latente de Josué se expressar muito além das normas e imposições jornalísticas, como imparcialidade, factualidade e síntese.

A investigação deste trabalho é a gênese do escritor e, por isso, sua faceta literária nas páginas do jornais e a crítica social que impregnava seus textos será explorada. A revisão bibliográfica foi escolhida com o interesse de apropriar-se dos conceitos da crítica genética para refazer os rastros deixados por Josué nesta reportagem e apontar seus viés literário até então aprisionado nas redações. Além disso, as bases teóricas do trabalho foram escolhidas com o intuito de aprofundar os conhecimentos sobre o escritor Josué Guimarães, a obra dele e



a compreensão do período histórico e social no qual o escritor estava inserido, bem como o levantamento de dados sobre o período histórico escolhido por Josué como assunto da reportagem analisada. A partir disso, coube estudar a marca pessoal que Josué deixou em seu legado jornalístico: a crítica social.

Analisa-se, portanto, como a faceta literária de Josué já se manifestava pelas páginas de jornais, ou seja: ainda a faceta jornalística de Josué já estava em fusão com sua profissão futura, a literatura, e impregnada de sua visão política. Além disso, analisa-se como Josué abordava as relações de trabalho no jornalismo pois constatou-se que esse é um dos temas recorrentes nas publicações na imprensa que constam no acervo do escritor e jornalista.

A reportagem escolhida para análise, encontrada no Acervo Literário Josué Guimarães, sob a guarda da Universidade de Passo Fundo desde 2007, apesar de abordar os temas de escravidão e relações trabalhistas, não é a única com esse viés e com essa tomada de posicionamento no acervo. Nos itens preservados na categoria "publicação ativa na imprensa", entre as décadas de 40 e 60 podemos encontrar setenta textos jornalísticos de Josué que abordam as questões trabalhistas, contudo, essa é a única reportagem dentre tantas notas e matérias que evidencia o posicionamento político e social de Josué. As demais produções trazem a temática do trabalho mas não se encaixam no gênero jornalístico reportagem, estão categorizadas como notas, matérias, colunas e artigos de opinião.

Uma história de Casa Grande e Senzala é o título da reportagem escolhida para análise e que foge aos moldes tradicionais do gênero jornalístico, desobedece a estrutura do lead e possui descrições de paisagens atípicas em jornais, porém comuns em obras literárias. Tais características endossam o argumento de que Josué não só percebeu a importância de abordar o tema nos jornais por onde passou como também o fez de forma poética, literária e em busca das origens dos problemas, fazendo da crítica social a sua marca registrada tanto nos jornais quanto nos livros.

Para cumprir com o objetivo deste trabalho é necessário conhecer mais sobre a reportagem mencionada e sobre o jornalista e escritor: Josué não pode ser simplesmente definido em algumas linhas, mas conforme Zilbermann (1988, p.10-11), parte da sua trajetória pode ser contada da seguinte forma: nascido em São Jerônimo em 7 de janeiro de 1921, Josué Guimarães foi o penúltimo dos nove filhos de José Guimarães e Georgina Marques Guimarães. Antes de completar um ano de idade, mudou-se com a família para



Rosário do Sul. Após os dez anos, já em Porto Alegre, Josué passa a escrever para o jornal do colégio e a escrever peças teatrais para encenações de fim de ano da escola.

É em 1939, aos 18 anos que Josué começa a exercer a profissão de Jornalista na revista O Malho e Vida Ilustrada, mas logo retorna a Porto Alegre e começa a trabalhar no rádio teatro da rádio Farroupilha. Trabalhou no Diário de Notícias de 1944 a 1948, onde exerceu as funções de repórter, secretario de redação, diretor, colunista, comentarista, cronista, editorialista, ilustrador, diagramador, analista político e correspondente internacional e também passa a assinar uma coluna sob a assinatura de “D. Xicote”.

Além da carreira jornalística, Josué chegou a ser eleito o vereador mais votado de Porto Alegre, em 1951, pelo PTB. Contudo, após esse período em que foi necessário escrever sob pseudônimos e a eleição, Josué passaria por muitos jornais e revistas, desempenharia a função de correspondente internacional, desvincular-se-ia de partido político, deslumbrar-se ia com a União Soviética, venceria um concurso literário que finalmente o lançaria como escritor, teria algumas obras não publicadas devido a censura, e passaria anos em exílio auto imposto.

## **2 Da crítica genética à gênese do escritor**

Para Biasi (2010), A interpretação de uma obra à luz de seus rascunhos ou documentos preparatórios vem sendo denominada, nas últimas três décadas, ‘genética dos textos’ ou crítica genética” (BIASI, 2010, pag. 9), resumindo assim que o papel da crítica genética é valorizar o trabalho do escritor e todo seu processo criativo tanto quanto a obra final, valorizando dos gestos, às emoções e incertezas (BIASI, 2010, pag 11) pois, somente dessa forma, é possível compreender “a escritura literária como processo, a obra como gênese” (BIASI, 2010, pg 10). Contudo, esse trabalho não se ocupará das obras literárias de Josué e sim do processo criativo que o levou até a literatura, encontrando no jornal Diário de Notícias o primeiro espaço para dar vazão à sua veia literária por meio da reportagem analisada.

A reportagem Casa Grande e senzala não tem rastros entre as demais categorias do acervo (memorabilia, correspondência, esboços e notas, comprovantes de edições, comprovantes de crítica, comprovantes de adaptações, história editorial, vida e obra). Trata-se de uma publicação na imprensa que não tem, até o momento, sequer um rascunho de sua



redação encontrado no acervo. Uma das possibilidades da ausência de rastros pode ser concedida a prática jornalística, que exige pressa para a publicação, outra possibilidade pode ser levantada sobre a segurança visto que Josué sempre sofreu pressões políticas e, portanto, há a possibilidade do jornalista não ter deixado indícios de sua pesquisa e fontes propositalmente.

Assim, subvertemos a lógica do trabalho da crítica genética, que se debruça sobre os manuscritos, para nos debruçarmos sobre esta reportagem e considera-la um ensaio do que estaria por vir da vida literária de Josué. Faz-se, então, a gênese do escritor pois tomamos a publicação como o ponto de partida do processo criativo de Josué, que já não se encaixava nos moldes jornalísticos e adentrava o terreno poético, histórico e literário para tecer a narrativa dos fatos.

## 2.1 Análise da reportagem

Devemos então considerar alguns aspectos fundamentais da prática jornalística para analisar a reportagem. Apenas setenta anos separam a invenção da prensa da chegada dos portugueses em terras brasileiras. A invenção de Gutemberg culminaria na invenção da imprensa e a facilidade de propagação dos livros mas a realidade que Portugal trouxe ao Brasil sobre os livros era cercada de desconfianças, segundo Nelson Werneck Sodré (2011, pg.30), passando pela censura e pelas apreensões imediatas quando não obedeciam as classificações e assuntos permitidos. A demora pelo surgimento da imprensa no Brasil está intimamente ligado ao tema da reportagem de Josué, coincidentemente: segundo Sodré

“[...] o escravismo dominante era infenso à cultura e à nova técnica de sua difusão. A etapa econômica e social atravessada pela colônia não gerava as exigências necessárias à instalação da imprensa. Quando surgiram as iniciativas isoladas, no século XVIII, o papel das autoridades coloniais foi importante” (SODRÉ, 2010, pg 37).

Em 1808, a imprensa surge definitivamente no Brasil com a impressão do primeiro número da Gazeta do Rio de Janeiro, que contava apenas com quatro páginas de notícias sobre a Europa.



[...] O segundo tópico importante antes da análise é o gênero jornalístico em questão, a reportagem. Tomamos por conceito que a notícia é, segundo Marques de Melo (2010) um “relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. Contém necessariamente respostas às perguntas de Quintiliano (QUE+QUEM+QUANDO+COMO+ONDE+POR QUE), transformadas em fórmula jornalística (...) compõe-se duas partes: “cabeça” (lead) e “corpo (body). Privilegia o clímax (sensação) evitando a “cronologia’ (nariz de cera).” (MELO, 2010, pg 55).

E assim diferencia-se do conceito estabelecido para reportagem, que é de um

[...]relato ampliado de acontecimento que produziu impacto no organismo social (desdobramentos, antecedentes ou ingredientes noticiosos). Trata-se do aprofundamento dos fatos de maior interesse público que exigem descrições do repórter sobre o ‘modo’, o ‘lugar’ e ‘tempo’, além da captação das ‘versões’ dos ‘agentes’. De autoria originalmente individual, esse formato converteu-se em trabalho de equipe (MELO, 2010, pg 55).

Dessa forma, podemos ver as diferenças entre os gêneros jornalísticos e defender que o objeto de pesquisa deste trabalho encaixa-se no gênero reportagem por trazer um relato ampliado sobre um período histórico e um fato que teve impacto na sociedade. Contudo, a forma como a notícia foi construída não obedece ao padrão noticioso que Marques de Melo apresenta como arquétipo ideal. Josué Guimarães rompe com a imposição do modelo em vigor para notícias e reportagens, visto que o jornalista opta em não apresentar o fato de acordo com “as duas partes da notícia” e apresenta seu texto em uma linguagem literária, como podemos observar no trecho abaixo que, além disso, é uma das marcas da crítica social que o escritor/jornalista incute em sua reportagem:

[...]Por mais que falsos e insustentáveis arianismos tentem separar do orgulho do branco louro o sangue negro que nos veio das senzalas, na promiscuidade de todos os dias, das horas mortas nas caladas da noite, sempre teremos dos primórdios de nossa civilização a tortura do negro contribuindo para a formação de uma raça que eles, entretanto, sempre se julgaram tão distanciados. Afranio Peixoto saiu à liça corajosamente, em “A minha terra e minha gente” na defesa do negro e de sua contribuição para a vida estética e para a o progresso econômico do Brasil. A influência do negro foi formidável, maior que a do indígena, maior mesmo que a dos portugueses que se tornaram a encruzilhada da nossa raça. Gilberto Freyre acorreu em socorro do baiano autor de “A esfinge” e disso mais coisas sobre o negro em “Casa Grande & Senzala”. (GUIMARÃES, 1944, ALJOG 03 a 1365 -1944)



A reportagem escolhida foi tomada como ponto de partida para a pesquisa porque contém características que a tornam simbólica e icônica, mas acima de tudo, é realmente um ponto de partida: trata-se da primeira publicação na imprensa que está catalogada no acervo. Conforme observado pelo trecho transcrito no parágrafo acima, a reportagem perverte a ordem predominante no jornalismo de que os textos devem conter capacidade de síntese para que possa “processar informação em escala industrial e para consumo imediato. As variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura” (LAGE, 2002, pag 35).

O conceito apresentado por Nilson Lage (1993) sobre a estrutura da notícia valida essa interpretação sobre a reportagem de Josué, visto que o autor considera o “estilo da reportagem menos rígido do que o da notícia. (...) Podem-se dispor de informações em ordem decrescente mas também narrar a história como um conto ou romance” (LAGE, 1993, pg 47), afirmando ainda que o estilo de escrita pode ser mais livre e menos formal que a notícia mas a autoria é um traço importante para a reportagem porque “a reportagem essencialmente interpretativa está a um passo do artigo, e não é por acaso que os meios acadêmicos manifestam tanto entusiasmo por ela. A interpretação envolve, afinal, certa competência analítica que poucos realmente têm e muitos, por presunção, se atribuem” (LAGE, 1993, pg 47). A ideia de Lage (1993) deixa claro, portanto, que a sempre existirá a interpretação dos fatos na construção da reportagem e que é dever do jornalista respeitá-los sem discordância.

Se considerarmos que a reportagem tem esse flerte com os gêneros literários, devemos pensar sobre o conceito de Jornalismo literário que, segundo Felipe Pena, pode ser definido como uma alternativa complexa para

[...] fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária” (PENA, 2016, pag13), pois significa que este é um terreno em que o jornalista tem a possibilidade de “potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2016, pag 13)



E é assim que o jornalista literário ultrapassa os limites dos acontecimentos cotidianos para contar uma história com mais profundidade, exatamente como Josué fez ao resgatar o tema da escravidão e abordar ainda o fato de como se deu a transição da estância, que é narrada em sua decadência mas o jornalista resgata seu apogeu, perceptível, por exemplo, no trecho abaixo, que pertence à legenda das fotos utilizadas na reportagem:

[...] “AI” UMA HISTÓRIA ANTIGA DE UMA CASA GRANDE E SENZALAS – Hoje ela dorme entre os ingazeiros esguios. O terreiro silencioso esqueceu os negros maltratados e acolhe as ervas daninhas. Só vento nas frinchas lembra os gemidos remotos dos escravos. Agora ali tudo é reminiscências. A Casa Grande e a senzala de Rio Pardo, à esquerda. Ao alto, à direita, um outro quadro. Sinhá-moça levantava a saia redonda e colhia flores nesse jardim, para a imagem de Santa Vitória, padroeira da Casa Grande. Depois sentava sobre a sombra do serramanchão, nos bancos de pedra toscos, e olhava a cidade lá embaixo, o rio sinuoso, a estação mergulhando nágua. O tempo chegou. A trepadeira morreu. A fonte secou e as formigas comeram as flores. Faz tanto tempo...Mas 9embaixo à direita) os portões velhos não conseguem isolar de pés profanos o solo do barão de Quaraí. A mansão ainda está ali, acolhedora. Quantos não teriam levantado com candelabros, objetos de arte, uma estatueta terracota. Nos dias de vento e nas noites de tempestade os portões abanam com desespero. Um aceno de saudade do passado que vai distante... Tudo é relíquia, ali. Quantos saberão e cuidarão disso?” (GUIMARÃES, 1944, ALJOG 03 a 1365 -1944)

Josué seguiu os passos do primeiro periódico literário lançado em Porto Alegre e do estado, O Guaíba, lançado em 03 de agosto de 1856, conforme Ferreira (1975, pag 13). No trecho acima é possível notar a construção literária que é dada a reportagem na legenda das fotos utilizadas para ilustrar o texto, como a descrição mais rebuscada que beira a poesia; utilizada com o intuito de ir além da narração do fato para informar o leitor sobre um assunto, mas para transportar o leitor até o cenário que Josué recria, visto que propoe uma viagem no tempo para contextualizar a sua reportagem. Soares (1933) defende que toda narrativa do gênero romance desenrola-se dentro de um determinado fluxo de tempo e em um espaço, sendo que no caso da reportagem esses dados servem de informação ao leitor ainda que não seja escrita de forma direta.

No texto, Josué mostra que o tempo narrado na reportagem com predominância é o passado, começando sua reportagem com um recurso literário de média res, contando sua história fora da ordem cronológica. As narrativas literárias e principalmente jornalísticas tendem a obedecer o princípio, meio e fim para desenvolvimento dos conflitos, mas Josué



escolheu desenvolver sua história a partir do final dela: a decadência da estância que já foi gloriosa às custas da escravidão e, com o enfraquecimento da exploração, a estância sucumbe. O tempo e o espaço não são ditos explicitamente mas ficam subentendidos ao longo do texto e conforme os personagens são apresentados.

Os ares poéticos empregados neste texto podem ser interpretados sob a luz de Angélica Soares (1993), ao percebermos a fusão do caráter lírico, social e humano, observando a presença de um processo de “animização da paisagem geográfica, através do símile que compõe” (1993, pag. 27). Consideraremos que a animização é um recurso comum no estilo lírico e empregado para conceder personificação a uma paisagem, por exemplo, para que esta seja considerada como um personagem da trama. Outra evidencia que viabilizatal interpretação e utilização do recurso literário pode ser observada no momento em que o autor descreve o local e o humaniza ao afirmar que ele ‘repousa’, concedendo a ele uma ação humana. Há, em contraponto, a desumanização dos homens em comparação com a casa. Essa desumanização não parte do autor, mas é narrada por ele ao afirmar que estância repousa e que um dia já foi o local de açoite de tantos negros maltratados. Neste ponto, além do emprego de um recurso literário para compor a notícia, Josué aborda a questão da escravidão exercendo seu olhar crítico para a sociedade.

Em outros momentos, Josué humaniza a estância e a constroi como um dos personagens da trama, como se fosse um personagem silencioso e observados repleto de memórias. Para Soares (1993) “as personagens funcionam, segundo o teórico francês Roland Barthes, como agentes da narrativa“ (1933, pag 46) e neste caso, os personagens são a estância, o Barão de Quaraí, os negros e o comprador da estância, Mathias José Velho. Essa humanização da estância e desumanização dos negros também é perceptível no trecho abaixo:

[...] debruçada sobre a cidade pacata que hoje vive como todas as Ouro Preto do Brasil. Aqui o tijolo dos muros está sorrindo no arreganho da calça quebrada, um sorriso que lembra o esgar dos negros da senzala nas noites de banzo e dos moleques na dança. No entanto ela dorme, hoje, o seu longo passado “prenhe” de recordações das “vacas gordas” e dos cús-cús quentinhos da tafona. E é sempre os negros que as velhas estâncias adormecidas lembram na decadência cada vez mais acentuada. Eles deixaram na propria paisagem dessas ruínas que estão espalhadas pelo Brasil um pouco de seus lamentos, de suas misérias, de suas dores e de suas superstições que ainda perduram como fetiches eternos. (GUIMARÃES, 1944, ALJOG 03 a 1365 - 1944)



Assim como um romance, o texto jornalístico de Josué possui enredo, caracterizado pela presença de tramas e intrigas (1993, pag. 23). Na reportagem, esse aspecto é representado por meio da narrativa de como a estância foi vendida pelo Barão de Quarai:

[...] O Barão de Quarai morava na Casa Grande, seus negros e suas negras nas senzalas imundas e Rio Pardo olhava de longe, mas com inveja para aquele casarão imponente, para aqueles campos que se perdiam de vista, para o gado que vagabundeava nas invernadas férteis. O Barão de Quarai parecia um grande homem mesmo, um homem protegido pela graça dos deuses e da fortuna. Cada um sabe, porém, onde o sapato lhe aperta. E os borzequins do Barão de Quarai apertavam muito, seus calos sofriam horripelmente. Antes que o ringir do couro estourricado chegasse aos ouvidos atentos da cidade o Barão de Quarai tratou de vender a bela Fazenda Santa Vitória. Entra agora outra personagem na história. E' o comprador Matia José Velho. Todo aquele conforto atraía um bom preço. Depois tinha de levar-se em conta a gado gordo nos cercados, os próprios campos sem fim, a negrada das senzalas e a produção de tafona. E como tudo isso constituísse justamente o aperto dos borzequins do Barão, o Sr. Matia José Velho comprou o que naqueles tempos e mesmo nos nossos dias chamamos de “nabos em saco”. Os campos estavam cançados, o gado escasso, a tafona produzindo um ridículo e os negros – a grande riqueza dos tempos de nossos avós – velhos e doentes. (...) Noites e noites o velho Barão passou em claro, estudando a venda de sua estância por um preço conveniente. Nas senzalas os negros entoavam as cantorias choradas, após um dia de trabalho e de suor. O Barão estudava de lápis e papel na mão. Um dia ele gritou “eureka” e mandou chamar Matias José Velho. Estava pronto para fechar o negócio. Muitas semanas passaram os dois homens – vendedor e comprador – avaliando e arrolando as benfeitorias existentes, contando as cabeças de gado, olhando o estado dos negros enfileirados nos arcos das senzalas. E o negócio foi fechado e o Barão de Quarai entregou a estância e viajou... E Rio Pardo sentiu, tempos depois, o “bluff” em que havia caído o pobre Matias José Velho. E como teria agido o esperto Barão? (GUIMARÃES, 1944, ALJOG 03 a 1365 -1944)

Devemos considerar que o tema da reportagem não é a venda da estância que é descrita em pleno abandono, mas o resgate de seu passado escravocata e, portanto, tem o objetivo de cumprir seu papel enquanto reportagem fazendo com que um tema seja explorado com mais profundidade. Tema que, mesmo 74 anos após a publicação de Uma História de Casa Grande e Senzala, segue causando polêmica e importância em ser abordado. Assim, conforme Soares (1993), é o tema que dá unidade ao enredo e este é apresentado sob as tratativas da venda. O ponto de vista adotado por Josué na reportagem é de uma aparente imparcialidade denotada pela terceira pessoa comumente utilizada no meio jornalístico. Sob o ponto de vista literário, o narrador é onisciente neutro, segundo a tipologia de Norman Friedman (in LEITE, 2007, PAG 32), visto que esse narrador cumpre sua missão a narração



em terceira pessoa, faz uso da descrição de cenas e foi muito utilizada pelo romance americano.

O clímax da história pertence às tratativas da venda, ainda, lembrando cada vez mais a estrutura de um romance:

[...] Foi tudo muito simples. Em determinada zona do campo o comprador ajudava a contar as cabeças de gado. Havia tantas. No outro dia, noutra zona, contava outro magote. Havia tantas cabeças. E assim contou todo o gado existente. E como havia gado. Só ali estava o preço que o Barão pedia pela fazenda toda. Seria realmente uma santa vitória nos negócios de Matias José Velho. Acontece, porém – e como esse porém foi amargo – que quando a noite cobria os campos despovoados o Barão mandava os escravos mais novos, os que mais conheciam os varzeados e as passagens, reunir o gado que já havia sido contado e conduzi-lo para o local onde no dia seguinte o comprador estaria “contando”. E assim ele arroulou dez vezes o número real de cansados bois que já não aguentavam nas pernas de andar para lá e para cá...(…) Com os escravos não dava para fazer o mesmo. Eles seriam exibidos ao comprador numa mesma hora de um mesmo dia. Que fez o precursor do comércio em tempos de guerra? Pintou, sim, pintou, as carapinhas dos negros velhos, renovando-os como se faz aos fogões. Mandou desarquear à chibata as costas dobradas pelo peso de tantas misérias. Queria negros novos, entenderam? Negros moços, de carapinha preta, de peito saliente, máquinas ainda azeitadas para a engrenagem da Fazenda Santa Vitória, como nos tempos primeiros da casa Grande. Matias José Velho olhou, gostou e fechou negócio. O grande negócio do Barão de Quaraí.

Com esses aspectos observados, fica clara a intenção de Josué em romper com as amarras da redação e construir seu texto de uma forma literária e crítica, lançando mão de suas referências desde a manchete da reportagem que remete a obra de Gilberto Freyre, Casa Grande e Senzala (2004). A obra de Freyre (2004) é utilizada com o intuito de apresentar o tema em comum entre os dois textos. Josué aborda o tema mergulhando na questão da exploração e do rastro que esta deixou, representada pelas ruínas da estância. Freyre (2004), por sua vez, traz em sua obra a “formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal”, fazendo uma retomada de como a escravidão se deu no Brasil.

Todos os elementos acima interpretados compõem a reportagem de Josué, seu primeiro texto de Jornalismo literário e, por isso, devemos considerá-la um rastro do escritor que estava em formação. Ainda que estivesse reprimido sob a função de jornalista e, por isso, sob a censura e a pressão pela obediência do padrão jornalístico, Josué marcou as páginas dos jornais com traços que levaria para sua vida literária: a crítica social, a memória, apolítica, a



retomada de fatos históricos e a sensibilidade. Traços que podem ser observados em seus romances desde a estrutura a forma como os temas são explorados.

Contudo, se a memória era uma das marcas narrativas de Josué, podemos dizer que esta foi ingrata com o legado do jornalista: mesmo com tantos anos dedicados ao jornalismo, o nome de Josué ainda é lembrado pela carreira literária, que fopi breve, e não o encontramos como referência da história do jornal que publicou tantas colunas dele e a reportagem analisada. Na obra *Diário de Notícias: o romance de um jornal*, de Celito De Grande, o nome de Josué não consta nas narrativas do jornalista. O nome de Josué Guimarães sofreu uma tentativa de apagamento mas, conforme a análise apresentada, seu legado jornalístico é de fundamental importância porque resgata a história e a tradição do jornalismo literário realizado no Brasil e no Rio Grande do Sul, que abriria as portas para futuros jornalistas e escritores.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que a produção jornalística de Josué Guimarães apresenta características literárias que rompem com tradição e que demonstram a escolha do jornalista pela tomada de posicionamento e ao chamado latente à literatura, que passou a exercer tardiamente. Josué foi um jornalista que fez das redações seu front de batalha contra as injustiças e a favor das ideologias e causas sociais nas quais acreditava, bem como sua trajetória pessoal e política confirmam.

O apagamento de sua vida profissional como jornalista passa a ser compreendido ao olharmos para a biografia do jornalista e escritor que, mesmo antes do golpe militar já sofria censuras e perseguições políticas. Sem rastros deixados além das reportagens publicadas que colecionava, Josué não permitiu que as questões políticas em jogo lhe calassem ainda que a censura batesse à porta do jornal.

Para manter-se ativo profissionalmente, o próprio Josué talvez tenha tomado o cuidado de não deixar rastros sobre as publicações na imprensa, suas anotações, preservação de fontes e contatos profissionais. Contudo, há também o risco de tal apagamento ter ocorrido por forças políticas: Josué foi duro em suas críticas políticas e sofreu perseguições, censuras e



portas fechadas para qualquer oportunidade de emprego. Assim, muitas de suas publicações passariam a ser assinadas por pseudônimos após a década de 40.

Este estudo, que encontra-se em fase inicial e com um longo caminho a percorrer, apresenta como resultado a descoberta da primeira reportagem de Josué Guimarães e de que esta está impregnada das marcas autorais que ele levaria como herança da época de redação para os livros. Além disso, podemos considerá-la uma publicação na imprensa capaz de nos fazer pensar além da crítica genética, mas do processo criativo que levou o jornalista a vida literária: o lead posto no papel não bastava, reprimia suas ideias e sua capacidade crítica de ver a sociedade. Rompendo a estrutura do jornalismo, Josué se consagrou como escritor e assim obteve reconhecimento. Cada elemento da reportagem analisada é um rastro da mente criativa do escritor censurado sob a faceta jornalística e que buscava sua catarse, sua libertação através das palavras.

Além disso, outro resultado desta pesquisa foi a descoberta da possibilidade de acompanhar a gênese do escritor a partir de sua faceta jornalística, que já começava a romper com as normas e estruturas que a vida profissional lhe impunha. Sendo assim, toma-se a reportagem assinada por Josué Guimarães como um rastro do nascimento de sua segunda faceta, a de escritor. Contudo, percebe-se a partir da pesquisa e dos elementos analisados neste trabalho que as duas facetas permanecerão intrinsecamente ligadas em toda produção criativa de Josué Guimarães. Tanto as publicações na imprensa quanto as produções literárias de Josué apresentam características comuns, desde as marcas autorais, o estilo de escrita que permite o leitor identificar que aquele texto pertence ao autor, até mesmo os temas abordados, que sempre serão perpassados pelo viés crítico, social, ideológico e político.

Entre as folhas de jornais standart e o toque da máquina de escrever, nasceu o escritor que nunca se livrou das suas marcas jornalísticas: a escrita rápida e objetiva, a arte de cativar o leitor até o ponto final da narrativa e a preocupação de explorar os fatos narrados nos mínimos detalhes. Só é possível analisar a crítica genética de Josué após descobrir o processo que o levou à criação literária e é isso que este artigo se propôs a fazer. A faceta literária de Josué começou, portanto, quando as portas para a exploração de sua faceta jornalística começavam a se fechar ou já não eram suficientes para encarcerar a veia literária e crítica que ficavam cada dia mais pulsantes em suas publicações na imprensa.



## REFERÊNCIAS

BIASI, Pierre-Marc. A genética dos textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BORDINI, Maria da Glória. Criação Literária em Érico Veríssimo. Porto Alegre: L&PM/EDIPUCRS, 1995.

FERREIRA, Athos Damasceno. Imprensa Literária de Porto Alegre no século XIX. Edições URG: 1975

FREYRE, Gilberto; FONSECA, Edson Nery da; TUNA, Gustavo Henrique (Rev.) Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

GUIMARÃES, Josué. Uma História de Casa Grande e Senzala. Diário de Notícias, 22 de dezembro de 1944. Porto Alegre. 1944.

GRANDI, Celito de. Diário de Notícias: o romance de um jornal. Porto Alegre: L&PM, 2005.

LAGE, Nilson. Estrutura da Notícia. São Paulo: Ática, 1993

LAGE, Nilson. Linguagem Jornalística. São Paulo: Ática, 2002

LEITE, Lgia Chiappini Moraes. O foco narrativo : ou a polêmica em torno da ilusão. 11. ed. São Paulo: Ática, 2007. (Princípios). ISBN 9788508107896. Disponível em: <<http://upf.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788508107896>>. Acesso em: 12/11/18

MELO, Marques de. ASSIS, Francisoc de. (org) Gêneros Jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo, 2013.

REMÉDIOS, Maria Luiza [org]. As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte Editora UFMG 2004

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (org). Josué Guimarães: o autor e sua ficção. Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS EDIPUCRS, 1997. Disponível em <https://goo.gl/R2BAuz> em 05 de agosto de 2017.

SOARES, Angélica. Gêneros Literários. São Paulo: Editora Ática S.A. 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Intercom / Porto Alegre: EDIPUCRS 2011

10º SEMINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (SELES) | 6º SEMINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA (SELM)

7º SEMINÁRIO NACIONAL E 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE

# LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

**VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS**



ZILBERMAN, Regina. Escritores Gaúchos: Josué Guimarães. 1988, Instituto Nacional do Livro. Porto Alegre. (Rio Grande do Sul. Conselho Estadual de desenvolvimento Cultural. Instituto Estadual do Livro. Josué Guimarães. Porto Alegre, IEL. 1988 (Autores Gaúchos/IEL.15)